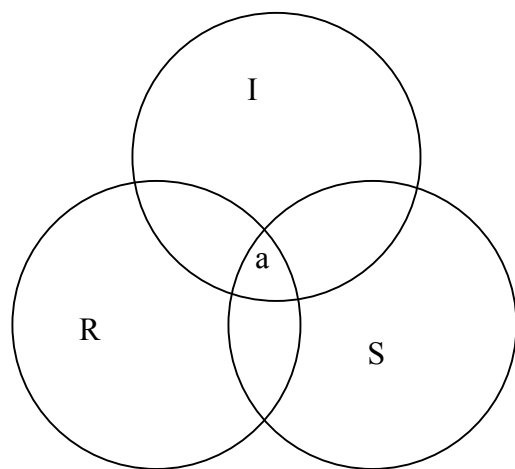


AS MARCAS DO REAL E O EQUÍVOCO DA LÍNGUA

Leda Verdiani Tfouni (lvtfouni@usp.br)¹ e Marcella Marjory Massolini Laureano
(mlaurea@usp.br)²

Busca-se o sentido naquilo que escapa, no que está fora da língua. É na lalangue que o sujeito vai enlaçar seu desejo, ou seja, no excesso que escapa à língua, na fratura que a lalangue proporciona. Pêcheux (1983) diz que não se encontra o real, mas que se depara com ele. Como afirmam Pêcheux e Gadet (2004) o real da língua está atravessado por fissuras, e, segundo os autores, Saussure não resolve a contradição que une língua e lalangue; ele apenas a torna visível, pois traz à tona o real e o impossível da língua. Tais fissuras da lalangue trazem aos fatos lingüísticos o equívoco; afinal sempre, diz-se alguma coisa através da palavra que falta. Partimos do pressuposto de que existe apenas um real e não diversos reais, não há real da língua, do sujeito, do discurso, o que existe são modos do real se manifestar e transitar de diferentes formas na língua, no sujeito, e no discurso. A proposta de nosso grupo de pesquisa é pesquisar possíveis articulações entre a análise do discurso pechêutiana e a psicanálise lacaniana.

Lacan no seminário 22 (1974 /1975) se dedica à questão dos três registros que compõe o funcionamento da cadeia significante, me refiro aqui aos registros do real, do simbólico e do imaginário (na notação lacaniana, RSI, respectivamente). A teoria lacaniana do RSI sustenta-se na notação do nó borromeano, um nó feito de três círculos onde os três registros entrelaçam-se e coexistem, em relação de dependência direta entre si, ou seja, um não pode existir sem o outro, como se nota no esquema abaixo (baseado no esquema apresentado por Lacan, op.cit., p. 19):



¹ Professora Titular do Departamento de Psicologia e Educação, da FFCLRP-USP, Pesquisadora CNPq.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na FFCLRP-USP, bolsista Capes.

O nó borromeano será nossa base para discussão de como as marcas do real estão presentes no equívoco. Lacan vai mostrar que a figura do nó não é estática, ao contrário, o nó funciona de modo dinâmico. Será o objeto (a), localizado no centro do nó que fará interagir os três registros.

Apesar da proposta dessa sessão centrar-se no real, acreditamos que não é possível falar do real puro, pois como bem se nota no nó borromeano, os registros se interpenetram. É interessante notar que o objeto (a), enquanto elemento “unificador” dos três registros, desempenhará distintos papéis de acordo com o registro que toca. Ao tocar o real, o objeto (a) marca a falta; inscrito nos registros imaginário e simbólico, o objeto tem função de tamponar essa mesma falta. Nosso trabalho centrará a discussão na parte do nó onde o objeto (a) toca o real.

Para Lacan (1974-1975, p. 106):

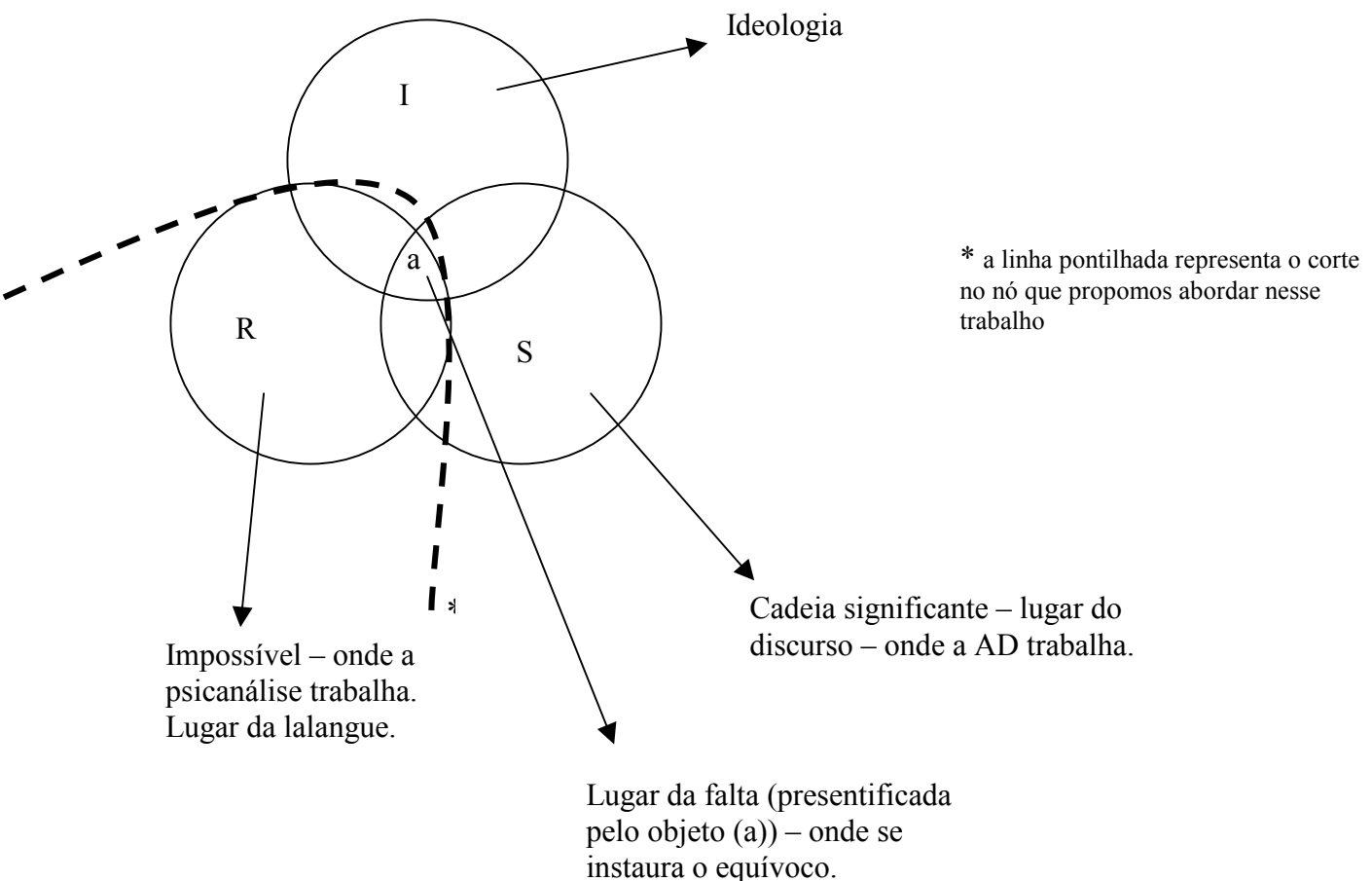
« Le Réel, faut concevoir que c'est l'expulsé du sens. C'est l'impossible comme tel. C'est l'aversion du sens, (l-apostrophe). C'est aussi, si vous voulez, l'aversion du sens dans l'anti-sens et l'ante-sens. C'est le choc en retour du Verbe, en tant que le Verbe n'est pas là que pour ça ».

Para dar nome a esse real (anti sentido, ou ante (antes do) sentido, impossível como tal, como Lacan faz notar o real é a aversão (l'aversion) ao sentido e ao mesmo tempo a versão (la version) do sentido) que se manifesta na língua, Lacan vai criar o termo lalangue. Como afirma Arrivé (1998), Lacan opera “uma solda ortográfica entre o artigo e o nome” fazendo com que, conseqüentemente, “la langue” (a língua) se torne uma única palavra: “lalangue” (alíngua). Tal fato, explica Lacan, marca a não pertinência dos cortes da análise lingüística tradicional. Em “Conferência de Genebra sobre o sintoma” ([1975] 2001, p.125), ele acrescenta:

“(…) el lenguaje, esse lenguaje que no tiene absolutamente ninguna existência teórica, interviene siempre bajo la forma de una palabra que quise fuese lo más cercana posible a la palabra francesa 'lallation' – laleo en castellano - , lalengua.”

A lalangue é a presença do real na língua, ou seja, na língua o real transita em forma de lalangue, porém ele se revela no que escapa à língua, naquilo que lhe faz furo. É a irrupção de equívoco na língua que faz com que nos deparemos com a incompletude dessa, atestando assim a presença de um real que não pode ser dito, nem recoberto em sua totalidade.

Propomos que o equívoco, como forma de manifestação da lalangue se localize no centro do nó, junto ao objeto (a), desse modo temos:



O objeto (a) “aparece” apenas no discurso do sujeito, ou seja, quando ele (o objeto (a)) é recoberto pelo imaginário e dito pelo simbólico. Ao falar para dar conta de sua falta estrutural, o próprio discurso desse sujeito se marca faltoso, é um furo (que o discurso tenta, a todo momento tamponar), por isso Lacan vai localizar o objeto (a) no centro do nó borromeano (o objeto (a) surge na articulação dos três registros, RSI). Marcado pela falta, essa vai aparecer no discurso nos chamados atos falhos da língua, instaurados pelo equívoco.

É preciso lembrar que o objeto (a) circula nos três registros a partir do contorno que lhe é dado pela pulsão (LACAN, [1963-1964] 1998), contorno entendido aqui no sentido duplo do termo, qual seja, no sentido de envolver o objeto e de lhe dar contorno, forma.

Mas qual seria a relação entre a pulsão com o discurso? Dizemos que é a pulsão que irá dar sustentação ao dizer do sujeito (dizer da falta), ou seja, é ela que, em última instância sustenta a linguagem e toda a cadeia significante.

Podemos dizer que a pulsão teria papel modulador, pois, ao sustentar o equívoco, ela vai marcar aquilo que faz furo na língua: toca-se aqui na localização da pulsão e sua relação com os três registros. Ao circular o objeto (a) a pulsão articula-se no plano dos três registros, mas de que modo? Lacan diz que o equívoco (e, por consequência, toda a cadeia significante) localiza-se no centro do nó borromeano, ou seja, onde está o objeto (a).

Mas, como a pulsão sustenta o equívoco? Creio que ao contornar o objeto (a) e dar o “input” ao desejo, ou seja, ao colocá-lo na cadeia significante e fazê-lo falar. Mas o fato lingüístico do equívoco revela ao sujeito que a língua é um sistema de diferenças, sendo assim também um sistema marcado pela incompletude. Ou seja, ver o real “aparecer” no equívoco revela ao sujeito sua incompletude constitutiva e interdita a esse sujeito o fazer-UM com a língua. Incompleto e sem conseguir fazer-UM o sujeito continua a desejar um objeto ilusoriamente perdido e que é trazido a todo o momento no discurso. Lacan ([1972] 2001, p. 409) “acerta o alvo” quando diz que “(...) *l’inconscient, d’être ‘structuré comme um langage’, c’est-à-dire lalangue qu’il habite, est assujeti à l’équivoque dont chacune se distingue*”.

Temos assim um sujeito que se move aparecendo entre significantes (pressuposto lacaniano), no discurso, um discurso marcado pela falta, na presença/ausência de um objeto que não existe senão por ilusão, por criação discursiva. Uma criação discursiva que está a todo momento pronta a se desfazer, revelar-se incompleta, eis o equívoco e os atos falhos da língua, como lugares privilegiados de análise, de onde podemos observar a língua incompleta funcionando a partir de uma fala desejante, e portanto, também marcada pela falta.

Ao reconhecer tais equívocos, aquilo que da língua faz furo no real é que se reconhecerá a própria mola de funcionamento do inconsciente, e, em última instância, a dinâmica de produção dos sentidos. Ter em mente que há uma língua afetada pelo real e que este real lhe escapa, lhe faz excesso, nos permite a partir do que foi exposto conjecturar uma relação próxima entre a lalangue da psicanálise e o equívoco da AD. O equívoco revela marcas de um real impossível de ser apreendido, senão por trabalho da lalangue em sua articulação nos três registros: real, simbólico e imaginário.

Referências Bibliográficas

- ARRIVÉ, M. Linguagem e psicanálise – lingüística e inconsciente. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. **O seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. L’*étourdit* (1972). In: LACAN, J. **Autres écrits**. Paris: Editions du Seuil, 2001.
- _____. Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. (1975). In: LACAN, J. **Intervenciones y Textos - 2**. Manantial, Buenos Aires, 2001.
- _____. Le séminaire – livre 22 – RSI (1974-1975). Séminaire non Publié, version de l’Association Freudienne Internationale (AFI).
- PÊCHEUX, M. **O discurso – estrutura ou acontecimento? – 1983**. Campinas: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, M. ; GADET, F. **A língua inatingível – o discurso na história da lingüística**. Campinas: Pontes, 2004.